

O SEGREDO, O OUTRO E A LITERATURA EM CREPÚSCULO: UM DIÁLOGO ANTES DO FIM DO MUNDO

THE SECRET, THE OTHER, AND LITERATURE IN TWILIGHT: A DIALOGUE BEFORE THE END OF THE WORLD

Ângela Vitória Andrade Gonçalves da Silva¹

Bernardo Gomes Barbosa Nogueira²

Letícia Vasconcellos Moreira³

RESUMO: Vive-se um tempo especialista em criar ausências. Um tempo intolerante àquele que vive, que canta, que batuca, que dança, que sonha. Neste tempo em que a fruição da vida é negada e se prega o fim do mundo, vivemos, um sufocamento que nos leva a desistir dos próprios sonhos, da potencialidade do sonhar. Sonho este que, por transcender o sujeito, dialoga com a ideia da alteridade. Imerso neste tempo, de desempenho e trabalho, o que se propõe neste escrito é um diálogo para adiar o fim do mundo através das aproximações da literatura, da experiência do segredo e desta alteridade ameaçada na sociedade contemporânea. Com esse objetivo, por meio de uma revisão bibliográfica, o presente estudo irá, em um primeiro momento, delinear o tempo atual, marcado pela égide neoliberal que sufoca a fruição da vida em favor do trabalho. Após, passar-se-á as aproximações existentes entre a Literatura, o segredo e o Outro. Por fim, após realizar as mencionadas construções, demonstrar-se-á a maneira que a esperança - do mundo e da vida, pode ter um caminho possível na arte de viver, aberta ao por vir daquele que vem, em crepúsculo, destacando a Literatura, como terreno para invenção e vinda do Outro.

PALAVRAS-CHAVE: neoliberalismo; literatura; segredo; outro.

ABSTRACT: We live in a time specialized in producing absences — a time intolerant of those who live, sing, drum, dance, and dream. In this era where the enjoyment of life is denied and the end of the world is proclaimed, we face a suffocation that leads us to abandon our dreams and the very potential of dreaming. A dream that, by transcending the individual, engages with the idea of alterity. Immersed in a time dominated by performance and labor, this text proposes a dialogue to postpone the end of the world through the lens of literature, the experience of the secret, and this threatened alterity in contemporary society. With this goal, through a bibliographic review, the study will first outline the current era, shaped by the neoliberal logic that suppresses life's enjoyment in favor of work. It will then explore the connections between literature, the secret, and the Other. Finally, it will

¹ Professora na Faculdade Doctum de Manhuaçu/MG. Mestre em Gestão Integrada de Território pela Univale – Governador Valadares/MG. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora – campus Avançado de Governador Valadares. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9165202054093253>. E-mail: angelavitoriaandrade@hotmail.com

² Professor da Univale – Governador Valadares/MG. Doutor em Teoria do Direito pela PUC/MG. Mestre em Ciências Jurídico Filosóficas pela Faculdade de Direito de Coimbra. Pesquisador associado à Rede Brasileira em Direito e Literatura. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8970715085414975>. E-mail: bernardogbn@yahoo.com.br

³ Mestranda do Programa de Mestrado em Gestão Integrada de Território pela Univale – Governador Valadares/MG. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora – campus Avançado de Governador Valadares. Pesquisadora FAPEMIG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1149387209662464>. E-mail: leticia.vasconcellos@univale.br

show how hope—for the world and for life—can find a possible path in the art of living, open to the arrival of the one who comes, in twilight, highlighting literature as a terrain for invention and for the coming of the Other.

KEYWORDS: neoliberalism; literature; secret; other.

1. INTRODUÇÃO

Vive-se um tempo especialista em criar ausências. Ausência do Outro e do sentido de viver. Um tempo intolerante àquele que vive, que canta, que dança, que sonha. Neste tempo em que se nega a fruição da vida, prega-se o fim do mundo no sufoco dos sonhos - nossos sonhos- e da capacidade de imaginação de um futuro outro (Krenak, 2019). Sonhos estes que, por transcenderem o sujeito, dialogam com a alteridade. Sem o sonho. Sem o Outro. O tempo de hoje é marcado pela solidão, desempenho e trabalho. Assim - e imerso nele-, o que se propõe neste escrito é um diálogo para adiar o fim do mundo através das aproximações da literatura, do segredo e desta alteridade ameaçada na sociedade contemporânea.

Mas o que seria um diálogo para adiar o fim do mundo? Senão propor um que revele a alternativa àquilo que o neoliberalismo impõe, de maneira tão sutil e súbita. Adiar o fim do mundo, ou ainda, nas palavras de Krenak (2019) “empurrar o sol com a barriga”, é expandir o horizonte de compreensões do sujeito; é a possibilidade de contar mais uma história, possível e legítima. Adiar o fim do mundo por meio da Literatura e da alteridade é contemplar a dimensão do segredo, daquele que não é antecipável, sem anulá-lo ou silenciá-lo. Contar mais uma história a partir da narrativa, ou das narrativas, das múltiplas experiências e formas de viver a vida.

Com esse objetivo, por meio de uma revisão bibliográfica, esta prosa irá, em um primeiro momento, delinear o tempo atual, marcado pela égide neoliberal, a partir dos escritos de Byung Chul Han, Dardot e Laval. Após, analisado este tempo que sufoca a fruição da vida em favor do trabalho, passar-se-á a delinear as aproximações existentes entre a Literatura, o segredo e o Outro, a contar dos escritos derridianos. Por fim, após realizar as mencionadas construções, demonstrar-se-á a maneira que a esperança - do mundo e da vida -, pode ter um caminho possível na arte de viver, como menciona Byung Chul Han, na

ancestralidade e na experiência de vida, no cantar e dançar, a partir daquele que vem, em crepúsculo, destacando a Literatura como terreno para invenção e vinda do Outro.

2. UM DIÁLOGO ANTES DO FIM DO MUNDO

Avaliando o contexto social, tem-se que a violência, historicamente, busca perpetuar um estado de dominação entre grupos, indivíduos e classes. Contudo, nesse processo histórico, a violência demonstra, a partir de danos físicos e psicológicos, um processo que se relaciona diretamente com a repressão elaborada pelo outro, ou seja, uma violência externa ao indivíduo.

Há exemplos naquilo que Foucault trouxe em sua análise da sociedade disciplinar, com muros, força e limitações, com a utilização marcante das terminologias: disciplina, dever, negatividade e exploração externa. Por muito tempo, tais expressões deram forma à violência. Mas já não bastam. A violência, hoje, assume novas vestes, demonstrando, em suas formas, a eliminação da alteridade como uma estratégia, uma vez que sem o Outro, não há motivos para tecer resistências, dificultando, assim, a identificação da dominação. Hoje, o que se propõe é a coação à felicidade, uma coação psíquica que tem como consequência a captura da subjetividade do indivíduo (Han, 2018).

A gestão neoliberal se contrapõe àquilo que Foucault identifica como sociedade disciplinar, que se baseia na posse física dos corpos, operando de maneira onerosa e violenta a partir do imperativo do dever, da domesticidade, da dominação constante e ilimitada, moldada pela vontade do soberano. A sociedade disciplinar é moldada pela obediência. A seu turno, este não é o retrato que representa a sociedade atual. Hoje, na sociedade do desempenho, o que se evidencia é uma mudança na estruturação da dominação que favorece o crescimento do capital.

Nas palavras de Han (2018),

Hoje, uma nova mudança de paradigma se realiza. O panóptico digital não é uma sociedade disciplinar biopolítica, mas sim uma sociedade da transparência psicopolítica. E no lugar do biopoder entra o psicopoder. A psicopolítica está em posição para, com a ajuda da vigilância digital, ler e controlar os pensamentos. A vigilância digital toma o lugar da ótica

inconfiável, ineficiente e perspectiva do Big Brother. Ela é eficiente porque a perspectiva, a biopolítica, não permite nenhum acesso sutil à perseguição das pessoas. O psicopoder, em contrapartida, está em condições de intervir nos processos psicológicos (Han, 2018, p. 40).

Nessa mudança da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, os muros são destruídos por espaços amplos: academias, prédios de escritórios, shoppings, laboratórios. O instrumento de dominação não tem como foco o corpo, mas sim a *psyqué*. A psicopolítica, agora — e não mais a biopolítica — é a forma de dominação do regime neoliberal. A psicopolítica neoliberal é a técnica de dominação que estabiliza e mantém o sistema dominante através da programação e do controle psicológico (Han, 2018, p. 107). Agora, a partir dessa estratégia de dominação, busca-se, ao invés de reprimir, libertar e motivar. Ao invés de punir os erros e excessos, busca-se manter a sensação de gratificação para impulsionar a dependência.

Enquanto o biopoder funcionava a partir de emoções negativas, a psicopolítica funciona a partir da estruturação e manipulação da felicidade, em favor da economicização da vida — em todos seus aspectos. Há, portanto, uma lógica de empreendedorização, criando-se sujeitos como multidões de empresas. A concepção de empresa é modificada, o mundo do trabalho é modificado, e o sujeito, portanto, é capturado.

O objetivo é eliminar as forças que resistem a fim de liberar a economia de seus pretensos entraves sociais (Safatle *et al*, 2021, p. 29) e, por entrave social, destaca-se: o Outro.

Ou seja, fica claro como a utilidade aparece não apenas enquanto modo de descrição da racionalidade própria a um sistema socioeconômico determinado, mas principalmente como princípio fundamental de definição da moral, da natureza dos sujeitos inerentes a tal sistema. Os sujeitos racionais no interior do capitalismo são aqueles que organizam suas ações tendo em vista a autoconservação, a manutenção de seus bens, o cálculo econômico de seus esforços e a fruição de formas moderadas de prazer, ou seja, formas de prazer que não nos coloquem fora do nosso próprio domínio. Eles são aqueles que se julgam racionais por sempre submeterem sua afetividade à reflexão sobre a utilidade à medida. Dessa forma, as relações entre pessoas acabaram de por si submeterem-se à racionalidade instrumental das relações entre coisas (Safatle, 2021, p. 161).

Cria-se, portanto, uma massa de empreendedores que, parafraseando Antunes (2018), anseiam por serem burgueses de si próprios e acabam mais próximos de serem proletários de si mesmos.

Na análise de Han (2020), o empreendedor de si se percebe incapaz de se relacionar livremente, sem propósito. Dessa maneira, a busca, pela felicidade, funda-se em uma ideia mercadológica de demanda, de modo que os afetos humanos passam a ser reduzidos a uma motivação para investir, comprar e vender. Nessa toada, a razão humana se confunde com a razão do mercado, e o indivíduo passa a se relacionar a partir de uma ética de utilidade. Nas palavras de Han: “o sujeito do desempenho, que se julga livre, é, na realidade, um servo: é um servo absoluto” (Han, 2020, p. 10). Como homolíder, o sujeito de desempenho mostra-se como um homo sacer, portanto, fora da ordem do direito. O sujeito se identifica, em um cenário de liberdade e habilidade limitada, como sendo o único limitador do seu sucesso.

A sociedade é marcada por um narcisismo rumo ao sucesso, rumo aos bons resultados. Assim, nessa lógica, torna-se plausível trabalhar de maneira incessante, sem pausas e sem limites: 24 horas, 7 dias da semana como nos fala Crary (2014). Um mundo 24/7 que, em suas palavras:

É um mundo marcado pela indiferença, contra o qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e dentro do qual o sono não é mais necessário nem inevitável. Em relação ao trabalho, torna-se plausível, até normal, a ideia de trabalhar sem pausa, sem limite. Alinha-se com o inanimado, com o inerte, ou com o que não exerce. Enquanto a exortação publicitária decreta disponibilidade absoluta e, como consequência, é incessante das carências e da incitação, mas igualmente sua manutenção perpétua. A ausência de restrição do consumo não é simplesmente temporal (Crary, 2014, p. 18).

Ainda explicando sobre o mundo 24/7, o autor aponta:

O planeta é repensado como um local de trabalho ininterrupto, ou um shopping center de escolhas, tarefas, seleção e digressões infinitas, aberto o tempo todo. A insônia é o estado no qual a produção, o consumo e o descarte ocorrem sem pausa, apressando a exaustão da vida e o esgotamento de recursos (Crary, 2014, p. 18).

É, portanto, uma nova estrutura, sem temporalidades alternativas, sombras ou obscuridades. É um mundo ensimesmado e idêntico. Literalmente, o inferno do igual, como Byung Chul Han (2022) traz em seu livro “A Expulsão do Outro”. Dessa maneira, o tempo do Outro é neutralizado. O Outro como mistério, sedução ou eros desaparece:

Uma espécie de alienação individual no agora, dentro da qual as pessoas submergem, impedidas de construção de laços, de afetos, senão, aqueles que as conduzam ao progresso —impedidos de sonhar, posto que sempre de olhos abertos. Assim se perde uma dose de humanidade em um presente amorfo e sem diálogo, sem narrativa, sem ritos e/ou cerimônias (Nogueira *et al.*, 2023, p. 1865-1866).

O que o neoliberalismo objetiva é ignorar o que torna o sujeito único, colocando todos em uma mesma caixa, um mesmo molde e em uma mesma realidade. É nessa tentativa de homogeneizar o presente que se tenta, a partir do neoliberalismo, antecipar todo mistério ou todo desconhecido, visto que, no mundo 24/7, tudo que existe está imediatamente disponível, acessível, calculável ou utilizável.

Essa lógica vil torna o sujeito doente, ensimesmado, depressivo e exausto de si, um sujeito sem sonhos. Ou somente com sonhos materiais. O sonho de um carro novo. De uma roupa da moda. Sonho de realização profissional. Os sonhos passam a ser habitados pelo consumo, assim como o mundo, que os fabrica. E como saltar desse avião que se declina rumo ao fim da humanidade? Krenak (2019) aponta a direção junto do questionamento:

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e os sonhos. Um lugar que a gente pode habitar além dessa terra: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando está cochilando ou que a gente banaliza: ‘Estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro’ Mas é uma experiência transcendente da qual o casulo humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada” (Krenak, 2019, p. 32).

A despeito do silenciamento do Outro, sonhar, na perspectiva de Krenak e Sidarta Ribeiro, é amar, é ir ao encontro do Outro, e isso é a coisa mais subversiva que existe (Ribeiro, 2022). O sonho, como experiência e coletividade, resiste como território intocável pela razão totalizadora do neoliberalismo.

Novamente, destaca-se: não se menciona aqui o mero desejo individual, mas sim uma prática ancestral e coletiva. “O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição de sonho. Assim como quem vai a uma escola aprender a prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciada nessa instituição para seguir, avançar num lugar dos sonhos” (Krenak, 2019, p. 32).

O sonho, nessa perspectiva, é uma potência que permite acessar outras dimensões, outras narrativas, outras realidades. “São lugares com conexão com o mundo que partilhamos. Não um mundo paralelo, mas uma potência diferente” (Krenak, 2019, p. 32).

2.1. Literatura, Segredo e Alteridade

Além dos sonhos, a Literatura é um caminho possível para acessar outras dimensões, narrativas e realidades. A literatura com poder – ou poderes – que, em uma tentativa de definição, Compagnon (2009) traçou três de suas possibilidades tradicionais: ela instrui, deleitando; funciona como um remédio para a sociedade moderna; e, ainda, sua natureza única faz com que ela resista às tentativas de aniquilação da linguagem, oferecendo um espaço de aprendizado sobre si mesmo e o outro, através de experiências que somente a literatura pode proporcionar.

Importante pontuar que o presente trabalho não reconhece na Literatura a única oportunidade de experienciar o Outro, mas sim como um dos caminhos possíveis. Contudo, diferente da arte e do cinema, a Literatura goza de um tempo que é próprio dela. A Literatura, diferente da lógica atual, não se permite ser apressada.

Nas palavras de Compagnon (2009, p. 14) a “tradição teórica considera a literatura como uma e própria, presença imediata, valor eterno e universal; a tradição histórica encara a obra como outro, na distância de seu tempo e de seu lugar”. Nessa via, a “literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui, mas fica aberta como um ensaio de Montaigne, depois de nos conduzir ao entendimento” (Compagnon, 2009, p. 20).

Mas qual literatura esta pesquisa se refere? A partir da concepção derridiana, concebe-se que o “espaço da literatura não é somente o de uma ficção instituída, mas também o de uma instituição fictícia, a qual, em princípio, permite dizer tudo” (Derrida, 1992, p. 49). Dizer tudo ou nada. Esse exercício faz com que a literatura tenha uma identidade obstinadamente em *devenir*.

Mas por que a literatura? A literatura, a partir das contribuições de Antonio Candido (1988), é a manifestação universal de toda humanidade, com suas particularidades e individualidades. Para o autor, a literatura é uma necessidade básica, uma questão de direitos humanos. Para Compagnon (2009, p. 29), pela literatura o homem se torna completo, com instrução e deleito. Proposição e denúncia. Apoio e combate. Transformação. São possibilidades oferecidas pela experiência literária. Contudo, não se pode limitar a experiência literária em uma essência, ou definição, por ser esta, uma estranha instituição, como identificado por Derrida, em que tudo se pode dizer.

A riqueza da literatura repousa no fato dela auxiliar no desenvolvimento da personalidade do sujeito, formando-o. Pela literatura é possível melhor sentir e compreender que esse sentido não tem limites, libertando-nos das maneiras convencionais de pensar a vida – nossa e dos outros.

Da mesma maneira que o psicopoder age de maneira sutil, a Literatura resiste de igual maneira, sutil e obstinada. Como instituição livre, a literatura pode funcionar como um contrapoder que não se submete ao hegemônico. A capacidade de influenciar em uma nova percepção de mundo, de compreender as proporções da vida, o papel do amor nela, em sua intensidade e ritmo. Pela literatura é possível lançar-se de si em direção ao outro.

Pela literatura, acolhe-se o outro, dando ao sujeito um olhar que, para além do olhar estático e engessado pela rotina, passa a ser sensível àquilo que não está à vista. A literatura direciona o sujeito a lugares que não imaginaria, ou que não poderia ir, o que, em muito, se relaciona com a hospitalidade incondicional derridiana (Nogueira, 2018). Essa estranha instituição manifesta-se como uma forma de acolhimento genuíno e sem restrições, a própria essência da hospitalidade, estando disponível de antemão para aqueles que não são aguardados nem convidados, para quem se aproxima como um visitante completamente desconhecido, um recém-chegado que não pode ser previamente identificado ou previsto, alguém completamente distinto, havendo o que se destacar à dimensão estrangeira da Literatura, sempre do outro lado da linha abissal (Nogueira, 2018).

A hospitalidade incondicional é aquela que acolhe aquele que vem, que nunca pode ser captado ou antecipado. Esse é o lugar da literatura. *Locus* de (re)invenção e acolhimento daquele que é expurgado da sociedade neoliberal. Isso porque uma "hospitalidade incondicional ou hiperbólica constitui antes o tom da desconstrução como movimento de pensamento, o qual nos dá, não apenas uma nova e diferente possibilidade de pensar, de tudo pensar de novo, ainda e sempre de novo" (Nogueira, 2018, p. 87). Aquilo que vem é Outro, portanto, incapaz de ser antecipado, o impossível.

Por não se permitir acelerar, antecipar-se, encaixotar-se, a Literatura passa a ser um *locus* para acolher aquele neutralizado pelo neoliberalismo. A Literatura é Lugar. Para o geógrafo Yi-Fu Tuan (2012), o lugar é o lar, é o que se anseia e deseja. O lugar é marcado pela experiência, isto é, pela maneira que o sujeito constroi a realidade e é moldado por ela. É a maneira que se dá colorido à vida através da sensação, da percepção e da emoção. Aqui, recorda-se um dos poderes da Literatura, que ensina melhor sentir. Assim, ensina melhor experienciar. "Experienciar é aprender" (Tuan, 2012, p. 10). Nesse sentido, pontua-se, aqui, a capacidade da Literatura de resistir àquilo que se prega nos dias atuais – o que não impede de ela sucumbir aos anseios neoliberais, já que estranha, permite dizer tudo e nada.

Assim, a Literatura inventa e permite a invenção de lugares/não lugares. Assim como um sonho, livre e sem amarras, a literatura não se permite aprisionar. Ao testificar histórias silenciadas, vidas enclausuradas, a literatura passa a funcionar como um fio condutor de experiência.

Dessa forma, a Literatura por ser *lugar* - de pausa, respiro e da alteridade, assemelha-se a negação daquilo que se prega pela lógica neoliberal, equiparando-se a um não-lugar neoliberal (Silva, 2023). Dessa maneira, o Outro só se achega. Independentemente de quem seja, sem pedir identificação, guardando identificação com o amor – pelo Outro, isso porque:

Eu amo porque o outro é outro, porque seu tempo jamais será meu. A duração viva, a própria presença de seu amor permanece [reste] infinitamente afastada da minha, afastada de si mesma no que a estende para a minha, e isso até no que se gostaria de descrever como a euforia amorosa, a comunicação extática, a intuição mística” (Derrida, 1987, p. 522-523).

Dessa maneira, da mesma maneira que o Outro, não é possível antecipar as possibilidades da Literatura, visto que, como o segredo, esta escapa à lógica da exposição e do controle, criando um espaço de encontro com o Outro. “Sempre que há ‘gozo’ (mas o ‘há’ desse acontecimento é, em si, extremamente enigmático), há ‘desconstrução’. Desconstrução efetiva. A desconstrução talvez tenha como efeito, senão como missão, liberar gozo proibido” (Derrida, 1992, p. 84-85).

Literatura é, nesse constante reinventar, a ausência de amarras e previsibilidade se presta a acolher o Outro - imprevisível, lugar de invenção e hospitalidade, visto que vinda do outro que não se assina antes, que chega sem cessar, que é inantecipável. As palavras nos conduzem. Com elas nos orientamos, nos perdemos, nos localizamos e seguimos.

É necessário, ainda, construir uma sociedade que reencontra a satisfação de viver, para além do tempo do trabalho - um sonho. O ideal, para esse sonho manifesto, teria relação com o resgate de nossa ancestralidade, alinhando passado e presente, para um sonho sem precedentes para o futuro. Contudo, para sonhar, é preciso dormir. No mundo 24/7, luta-se contra os fins do sono, restando a hipótese da literatura.

A partir dessa perspectiva, reconhece-se a dimensão de segredo, invenção e hospitalidade da Literatura (Nogueira, 2018). A questão da hospitalidade para com a Literatura refere-se à sua condição de estrangeira e à abertura da questão da alteridade para além das dimensões da subjetividade humana e mesmo da animalidade (Nogueira, 2018, p. 264). Por esse motivo, seria uma hospitalidade incondicional, vez que incondicionada.

A literatura surge como possibilidade de vinda do Outro na relação com o direito — espaço de abertura, de encontro, de deslocamento. Contudo, se por um lado pode apontar caminhos de redenção, por outro, também pode anunciar o fascismo. À literatura não cabe a função de salvação, mas a de tensionamento da normatividade neoliberal, a revelar suas impossibilidades. Para Derrida, o Outro é aquele que porta um segredo — inacessível, irreduzível — e é justamente por isso que é Outro. Assim, a literatura, estrangeira de si, carrega essa mesma dimensão de alteridade radical, na medida em que literatura e alteridade se entrelaçam no segredo.

Rumo a este sonho, talvez manifesto, na tentativa de adiar o fim deste mundo, fala-se dessa esperança: a arte de viver.

2.2. A arte de viver: caminho para espera(nçar)

Muito se fala em direitos. Direitos inerentes à pessoa, a natureza humana. Direitos humanos. Direitos fundamentais. Direitos da personalidade. Direitos que, juntos, resguardam aquilo que é indispensável ao sujeito. Direito à vida, à integridade física, ao trabalho digno saúde, educação e à preguiça. Preguiça? Como a preguiça está relacionada com aquilo que é indispensável ao ser humano?

A preguiça é defendida por Lafargue (2016) em sua íntima relação com o desenvolvimento das artes e das virtudes. Para o autor, é necessário ter em mente que “trabalho só se tornará uma condição de prazer da preguiça, um exercício benéfico para o organismo humano, uma paixão útil ao organismo social, quando for prudentemente regulamentado e limitado” (Lafargue, 2016, p.8). Contudo, questiona-se: em uma sociedade que impera o poder e o desempenho, quem limita o trabalho?

Nos tempos atuais, como já abordado, o trabalho sem limitações ou pausa, é plausível, normal e esperado. O sujeito do desempenho condiciona seu sucesso ao trabalho e ao consumo. Volta-se para si, ensimesmado, adocece. No excesso de positividade, não existe o externo, mas sim “a falta de negatividade da inimizade faz com que a guerra se dirija contra si mesmo” (Han, 2017, p. 141). Trata-se de uma guerra sem vencedores. Na sociedade do desempenho, a técnica de dominação é sutil. “Não se apodera do indivíduo de forma direta. Em vez disso, garante que o indivíduo, por si só, aja sobre si mesmo de forma que reproduza o contexto de dominação dentro de si e interprete como liberdade” (Han, 2021, p. 44). Coincide, então, dominação, submissão, liberdade e exploração.

Nesse contexto, quem fracassa, no lugar de questionar o sistema, responsabiliza-se e se envergonha de si mesmo. Todavia, não é permitido sentir dor. A maneira que se lida com a dor nesse momento da sociedade é inerente a maneira que lidamos com seu fenômeno causal: a violência. A dor representa a negatividade e o sofrimento. A dor é sinal de fraqueza, motivo pelo qual precisa ser neutralizada. Na mesma toada, a violência da positividade, fundamento das dores dos novos tempos, é neutralizada. Paralelamente à neutralização da dor pela violência da positividade, o indivíduo padece ainda com os impactos gerados pelo isolamento e a solidão. Sem sonhos. Sem dor. Sem o Outro. Apenas trabalho – e consumo. Essa é a realidade do sujeito do desempenho.

Contudo, há esperança na experiência, que contrapõe a psicopolítica ao rasgar o sujeito de si. A experiência (Han, 2021, p. 106) como transformação e descontinuidade, que arranca o sujeito de sua sujeição. Há esperança, portanto, na arte de viver. A arte de viver compreenderia criar, sem limites, individualidades, seres, relações e qualidades. Nesse sentido, destaca a literatura como instituição capaz de ressignificar a relação do sujeito do desempenho com o mundo. Pela literatura, aposta-se, na criação de espaço simbólico de resistência, como uma possibilidade de desvelar para o narrador/ouvinte, os grilhões neoliberais que o prendem, isso porque a literatura não se permite aprisionar.

Por esta experiência, é necessário recuperar o tempo da contemplação e do ócio criativo. Registra-se, aqui, que não se trata de criar para produzir. Da mesma maneira que quando Krenak (2019) se refere aos sonhos não se fala de um mero desejo individual, mas sim uma prática ancestral e coletiva, como fonte de sabedoria e resistência.

É necessário conhecer o passado – o nosso passado, “para que lembremos dele, pois é seu aprendizado que vem nossa adaptação do futuro” (Ribeiro, 2022, p. 83). Para Ribeiro (2022) é hora de reaprender a sonhar o bem comum. Para o autor, é necessário, antes de tudo, implementar mudanças práticas na rotina individual e coletiva, a partir de algumas premissas, sendo elas: o sono é elemento indispensável à aprendizagem, trata-se aqui, do sono pleno, sem luzes, telas e sons, o sono amparado por uma boa alimentação e atividade física; é necessário reaprender a cultivar o amor pela narrativa da pessoa para pessoa; o passo seguinte ao sono e a aproximação com a narrativa, “é trazer para o círculo narrativo íntimo os relatos matinais do sonho da noite” (Ribeiro, 2022, p. 98). Sono, sonho e narrativa compõem uma tríade essencial para contato com o sonho coletivo e sagrado, como forma de continuidade do mundo. Isso é a arte de viver como caminho de espera – pausa/lugar, e esperança.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira, a Literatura deixa aberto esse convite a um novo mundo, uma nova lógica, uma nova razão – sem razão. Uma lógica que se volta à possibilidade da arte de viver, à possibilidade da arte e à alternativa de melhor sentir — melhor sentir o lugar e melhor construir a realidade a partir da experiência com o outro, a partir do sono, do sonho, daquilo que nos conecta de verdade com o mundo. Traz, assim, a possibilidade de criação de um espaço, de um *locus* simbólico de resistência, como uma forma de identificar, para o narrador, o ouvinte ou o leitor, os grilhões que o prendem. Isso porque a literatura, como estranha instituição, não se permite aprisionar e traz sempre o segredo. A partir dessa pesquisa, identifica-se que a literatura, o outro e o segredo dialogam-se em crepúsculo, na meia-luz e na meia-sombra, encontram-se. Um diálogo que permite adiar o fim — o fim do mundo pregado pelo neoliberalismo — e que sugere uma ressignificação da relação com o mundo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BARTHES, Roland. Aula. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.
- BENJAMIN, Walter. Escritos sobre mito e linguagem. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnbin. 8. ed. ver. São Paulo: Brasiliense, 2012. v.1.
- BERNARDO, Fernanda. Não há desconstrução sem democracia - não há democracia sem desconstrução - idiomas da resistência - promessas de reinvenção: o pensamento tal como a democracia por vir. In: HADDOCK-LOBO, Rafael et al. (Org.). Heranças de Derrida da ética à política. Rio de Janeiro: Nau, 2014.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. São Paulo: Duas cidades, 1988. p.169-191.
- CANDIDO, Antônio. Vários escritos. 5. ed. corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. Literatura para quê?, Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CRARY, Jonathan. 24/7. Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

- DA SILVA, Angela; NOGUEIRA, Bernardo. UMA REFLEXÃO SOBRE EROÇÃO DA COMUNIDADE, DA COMUNICAÇÃO E DA PERCEPÇÃO SIMBÓLICA A PARTIR DO DIREITO À PREGUIÇA. Anais do CIDIL, 2023.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 402 p, 2013.
- DERRIDA, Jacques. A besta e o soberano: Seminário 2001-2002. Edição estabelecida por Michel Lisse e Marie-Louise Mallet et Ginette Michaud. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.
- DERRIDA, Jacques. A farmácia de Platão. Tradução de Rogério Costa. 3. ed. rev. São Paulo: Iluminuras, 2005a.
- DERRIDA, Jacques. A universidade sem condição. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003b.
- DERRIDA, Jacques. Adeus a Emmanuel Lévinas: Tradução de Fábio Landa com a colaboração de Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008a.
- DERRIDA, Jacques. Demorar: Maurice Blanchot. Tradução de Flávia Trocoli e Carla Rodrigues. Florianópolis: Editora UFSC, 2015a.
- DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda, revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- Di GIORGI, Raffaele. O direito na sociedade do risco. Revista Opinião Jurídica (Fortaleza), v. 3, n. 5, p. 383-394, 2005.
- HAN, Byung-Chul. Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo. RJ, ed. Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Editora Âyniné. Belo Horizonte, 2020.
- HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2015.
- HAN, Byung-Chul. Sociedade Paliativa: a dor hoje. Petrópolis, 1 ed. Vozes, 2021.
- HAN, Byung-Chul. Topologia da violência. Petrópolis, RJ. Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje. Editora Vozes, 2022.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição). Editora Companhia das letras, 2019.
- LAFARGUE, Paul; trad. José Alfaro. O direito à preguiça. 1ª ed. Lisboa: Antígona, 2016.
- LÉVINAS, Emmanuel. Ética e infinito. Antonio Machado Libros, 2015.
- LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo, 2010.
- NASCIMENTO, Evando. Introdução. In: DERRIDA, Jacques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda, revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- NOGUEIRA, Bernardo G. B. É o humano literatura? In: FRANCO, Angela Barbosa; GURGEL, Maria Antonieta Rigueira Leal (Org.). Direito e literatura: interseções discursivas nas veredas da linguagem. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2014. p. 1-12.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. Anamorphosis Revista Internacional de Direito e Literatura, v. 1, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://rdl.org.br/seer/index.php/anamps/article/view/68>> Acesso em: 01 abr. 2017.

- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. Direito e literatura: hospitalidade e invenção. 2018. 2018. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Direito)–Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa. Hospitalidade condicional/hospitalidade incondicional: entre Kant e Derrida, paradigmas que se autodesconstroem. In: DUARTE CUADROS, Rubén Alberto (Org.). Perspectivas de la filosofía del Derecho y las teorías jurídicas contemporáneas. Bogotá: Editorial Kimpres Ltda, 2011. v. 1. p. 43-52.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa; DA SILVA, Angela Vitoria Andrade Gonçalves; GUSMÃO, Samuel Mascarenhas Barros. NAS TERRAS DO RIO SEM DONO: O CONTAR DO NÃO-LUGAR. Anais do CIDIL, 2024.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa; MOREIRA, Nelson Camatta; PINTO, Franco Dani Araújo. Costuras para adiar o fim do mundo: reflexões com base na obra A vida não é útil, de Aílton KRENAK. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, p. e6702, 2023.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa; NONATO, Eunice Maria Nazareth; NOVAES, Edmarcius Carvalho. A invenção do tempo: diálogos no precipício do texto. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 36, n. 78, p. 1863–1876, jan. 2023.
- NOGUEIRA, Bernardo Gomes Barbosa; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. Direito e justiça: um diálogo de Jacques Derrida com Mia Couto e "A terceira margem" de Guimarães Rosa. ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. e1167, 2025.
- OST, François. Contar a lei: as fontes do imaginário jurídico. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.
- SILVA, Ângela Vitória Andrade Gonçalves. Entre o tempo de trabalho e o fim do outro: os não lugares do sujeito do desempenho. Dissertação. Governador Valadares, 2023.
- TRINDADE, André Karam; GUBERT, Roberta Magalhães. Direito e Literatura: aproximações e perspectivas para se pensar o direito. In: TRINDADE, André Karam; GUBERT, Roberta Magalhães. (Org.) Direito e literatura: reflexões teóricas. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.